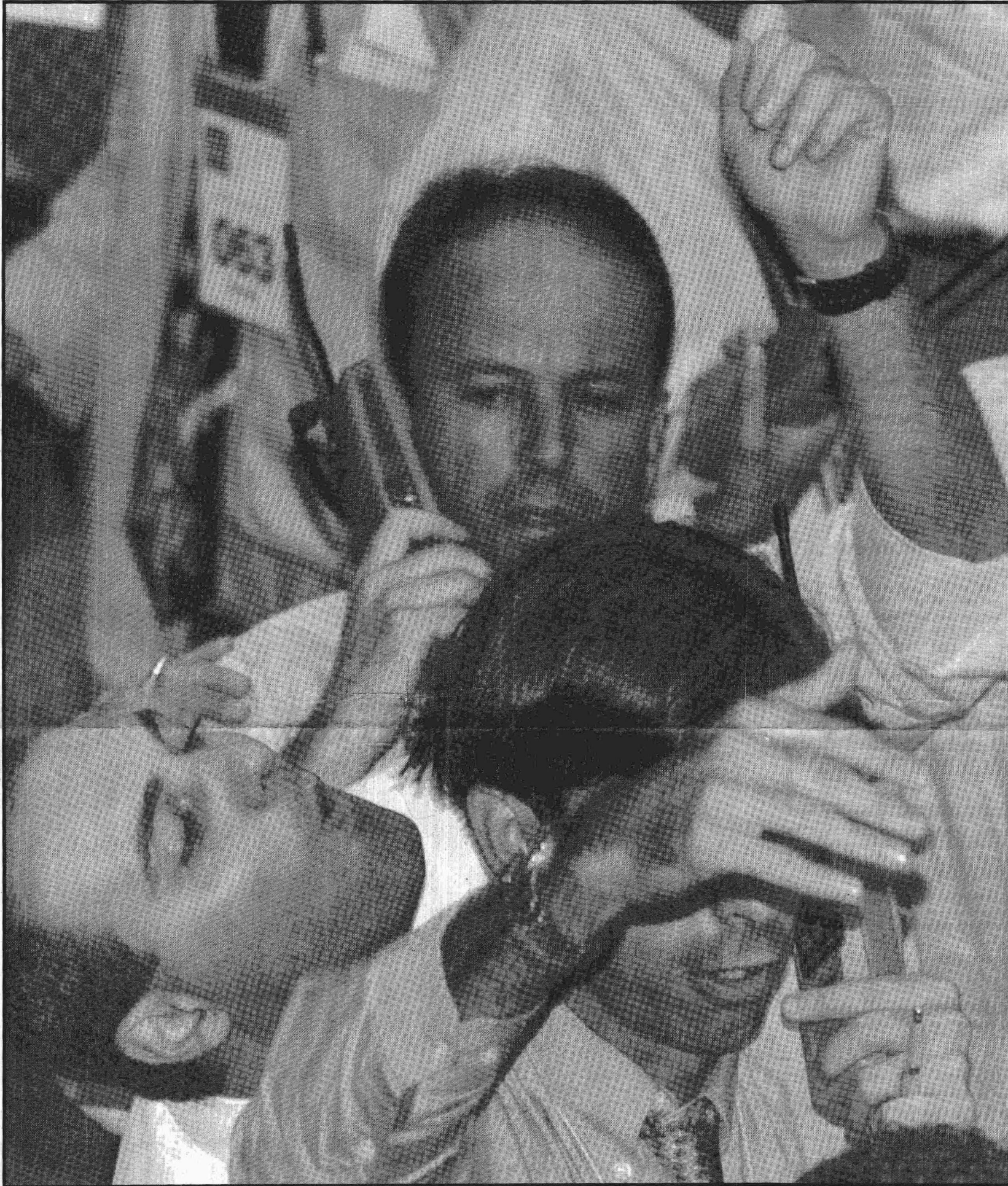


BC REPROVADO

Adriana Chiarini e
Regina Alvarez
Da equipe do **Correio**
Com agências

Evelson de Freitas/Folha Imagem



O nervosismo na bolsa paulista aumentou durante todo o dia com boatos diversos, como a demissão de Malan e a adoção de um sistema de flutuação livre do câmbio

Brasília amanheceu com o céu mais claro ontem depois do temporal que caiu sobre a cidade no dia anterior. As bolsas abriram em alta e o mercado começou a operar com o dólar abaixo do teto definido pelo Banco Central. Prenúncios de que o pior da crise havia passado e nisso chegou a acreditar a cúpula do Banco Central. Pela manhã, foi feita uma avaliação do comportamento dos mercados e concluiu-se que o estrago fora menor do que se esperava. Mas havia ainda um longo dia pela frente. E transformou-se num dos piores do ano.

A Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa) fechou com queda de 9,96% e saíram do país cerca de US\$ 1,8 bilhão. O Banco Central teve que fazer dois leilões de dólares para segurar a cotação da moeda no teto fixado na quarta-feira (R\$ 1,32).

O nervosismo dos mercados foi atribuído a boatos diversos e alguns fatos que serviram para piorar muito o humor dos investidores e aumentar a insegurança. Os boatos iam desde a adoção de um sistema de flutuação livre do câmbio, passando pela demissão do ministro da Fazenda, Pedro Malan, e do diretor de Assuntos Internacionais do BC, Demóstenes Madureira do Pinho Neto, até a quebra de fundos cambiais de bancos. Os fatos foram o rebaixamento da classificação dos títulos brasileiros por uma agência internacional e o pedido de demissão do diretor de Fiscalização do BC, Cláudio Mauch. O BC desmentiu em nota oficial a possibilidade de adoção do sistema de câmbio livre.

NOTÍCIAS

O dia começara relativamente calmo. A Bovespa chegou ao final da manhã com alta de 3,05%. Número ainda mais animador até aquele momento era o do câmbio. O real se valorizara um pouco e o preço do dólar chegou a R\$ 1,306, abaixo de R\$ 1,320 fixado pelo governo como limite máximo da banda cambial. Começaram então as notícias ruins.

A primeira veio da agência avaliadora americana Standard & Poor's, que rebaixou a classificação dos títulos brasileiros. A agência considerou que o risco aumentara, porque a recuperação financeira do país ficaria mais difícil com a mudança na política de câmbio e previu que a saída de dólares continuaria por meses. A alteração na política cambial, diz comunicado da agência, foi feita "no contexto de um programa de reforma ainda em marcha e de uma confiança muito fraca dos mercados".

A mesma agência anunciou uma redução nas notas de numerosos

bancos latino-americanos e colocou outros sob perspectiva negativa, por causa da crise brasileira. "Os bancos brasileiros vão ser os mais atingidos com a desvalorização do real, que trará um aumento dos problemas de crédito, particularmente dos consumidores que emprestam em dólares", diz o comunicado da agência. "O momento escolhido para este ajuste da moeda brasileira, quando os investido-

res perderam a confiança, vai exacerbá-las pressões enfrentadas pelos bancos brasileiros e latino-americanos".

Analistas internacionais concluíram que a mudança na política cambial foi mal feita e a agora a saída possível é a adoção do câmbio livre. "Na nossa opinião, este sistema será transitório e será inevitavelmente substituído por um sistema de taxas de câmbio flutuante,

provavelmente num futuro próximo", estima Ernest Brown, do Morgan Stanley Dean Witter em uma nota.

Outros investidores consideraram o pronunciamento do novo presidente do BC, Francisco Lopes, inconsistente e que somente uma medida de impacto, como, por exemplo, a aprovação da contribuição dos aposentados pelo Congresso, poderia reverter as expectativas

no momento.

No meio da tarde, os bancos ainda faziam suas contas para avaliar o prejuízo com a decisão do BC. Começavam os boatos de que alguns fundos poderiam estar quebrados por causa das dívidas em dólar. E para complicar ainda mais a situação, o Banco Central anunciou a saída do diretor de Fiscalização, Cláudio Mauch.

A decisão de Mauch não teve na-

da a ver com o sistema financeiro, mas num dia tão delicado ficou muito difícil para o BC convencer os mercados que o diretor tentava contornar uma crise doméstica com a mulher, Rosa, que mora em Porto Alegre e não aceitava mais sua permanência em Brasília. "Tenho um déficit familiar de seis anos, que não sei se consigo recuperar", justificou-se o diretor, numa rápida entrevista, desmentindo dificuldades nos bancos.

Não foi suficiente. Uma agência internacional noticiou a saída do diretor, sem maiores explicações, tumultuando ainda mais os mercados. Quase instantaneamente, a Bovespa caiu três pontos percentuais. No final da tarde, o nervosismo tinha contaminado o BC. Às 18h, o presidente interino Francisco Lopes divulgou nota desmentindo os boatos de que o governo deixaria o câmbio flutuar livremente.

E anunciou que havia combinado com o Senado a realização da sabatina para a sua confirmação no cargo ainda durante a convocação extraordinária. "O Banco Central tem total condição de atender as necessidades do mercado e permanece disposto, como vem inequivocamente demonstrando, ao uso das reservas e das taxas de juros para defender a política cambial", diz o comunicado.

DESRESPEITO

Outra nota oficial foi divulgada poucos minutos depois, com declarações de Mauch: "Jamais deixaria meu cargo se o sistema financeiro estivesse vivendo um momento de instabilidade (...). É um desrespeito a um funcionário público que atravessou e superou a crise vivida pelo sistema financeiro, há poucos anos, as insinuações de que estou deixando a diretoria de fiscalização em função de possíveis problemas existentes em quaisquer instituições financeiras". Em seguida, o diretor reafirma na nota o que já havia declarado. Permanecerá exercendo suas funções até a indicação do substituto.

O presidente Fernando Henrique Cardoso ficou extremamente irritado com a demissão de Mauch e, por intermédio do porta-voz Sérgio Amaral, criticou a reação do mercado e as análises da imprensa estrangeira sobre as mudanças na política cambial. "Não se leva em conta fatores muito mais importantes, como o andamento muito rápido da votação das medidas fiscais no Congresso. Os fatos mostrarão que não há razão para esse nervosismo e para essa volatilidade nos mercados porque as coisas estão caminhando. O ajuste fiscal está progredindo, os acordos internacionais foram feitos e o Congresso está votando", disse Amaral. O ministro da Fazenda, Pedro Malan, cancelou viagem programada para Washington.